

Ecofilosofia e ethos na Amazônia

Alexandro Melo Medeiros¹

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a cultura bem como as transformações da região amazônica, tomando como base dois conceitos filosóficos, a saber, *ecofilosofia* e *ethos*. O primeiro é uma das áreas mais recentes da filosofia, datando do século XX, que surgiu da necessidade de se repensar o modo como o ser humano se relaciona com a vida, com a natureza e com o planeta. O segundo é um dos mais antigos conceitos em filosofia, originário da Grécia Antiga, sentido primário do conceito de ética e da “ciência do comportamento humano”, como diria o filósofo Aristóteles. Sendo que o sentido originário da palavra *ethos* não se refere apenas ao indivíduo, mas traz consigo também o conceito de morada e habitação. Desta forma, pensar a cultura amazônica e as transformações pela qual a região vem passando ao longo dos séculos pressupõe pensar um “novo” *ethos*, a partir de um resgate histórico-filosófico do modo como o ser humano se relaciona com a natureza, uma postura ecológica, que leve em consideração não apenas os valores e o modo de ser individual, mas o modo como o indivíduo se relaciona com o planeta, de maneira complexa e interligada, influenciando o (des)equilíbrio da Vida como um todo.

Palavras-Chaves: Ecofilosofia; Ethos; Ecologia Profunda; Amazônia.

Résumé

Cet article vise à réfléchir sur la culture et la transformation de la région amazonienne, d'après deux concepts philosophiques, à savoir *ecophilosophy* et *l'ethos*. Le premier est l'un des nouveaux domaines de la philosophie, datant du XXe siècle, née de la nécessité de repenser la façon dont les humains interagissent avec la vie, avec la nature et la planète. La seconde est un des plus anciens concepts de la philosophie, originaires de la Grèce antique, le sens premier du concept de l'éthique et de la “science du comportement humain”, les mots du philosophe Aristote. Le sens originel de la mot *ethos* se réfère non seulement à l'individu, mais apporte aussi le concept de la maison et le logement. Ainsi, penser la culture amazonienne et les transformations par lesquelles la région a subi au cours des siècles suppose penser un “nouveau” *ethos*, à partir d'une vision historique et philosophique sur la façon dont les humains interagissent avec la nature, une position écologique, qui prend en compte non seulement les valeurs et la façon d'être individuel, mais comment l'individu se rapporte à la planète, si complexes et interconnectés, qui influencent l'équilibre (ou non) de la vie dans son ensemble.

Mots clés: Ecophilosophy; Ethos, l'écologie profonde, Amazon.

O planeta passa por um momento histórico sem precedentes na história da humanidade. É preciso repensar nossa forma de se relacionar não apenas com o outro

¹ Professor do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Icsez/Parintins) da Universidade Federal do Amazonas.

mas com a natureza! É necessário se dar conta dos vários desafios da sociedade brasileira nas diversas frentes sociais e frente aos dilemas ambientais.

Tal é a proposta de uma ecofilosofia — movimento filosófico nascido no século XX² —, que nos convida a pensar a natureza e o mundo a nossa volta de uma maneira totalizante e globalizante. Que nos ajuda a entender que nós, seres humanos, estamos interligados na teia da vida e da existência. Uma forma de pensar que se relaciona com o ethos e o equilíbrio da vida.

Hoje, movidos pela necessidade, todos sentem um vivo interesse pela questão ecológica e ambiental. Estamos aprendendo com nossos erros. Sofrendo os efeitos de nossas ações. O planeta respondeu às ações inconseqüentes do ser humano, que via na natureza apenas objeto de dominação e poder. Mas há uma outra forma de visualizar a questão. Haveria, talvez, uma forma de sofrer menos tais conseqüências: sentir-se parte de um organismo complexo e com vida própria. A questão é filosófica. Esta postura remete-nos para a uma visão de mundo: a mãe-terra, Gaia³, Deméter⁴.

Aqui entra uma visão filosófica – cosmológica, epistemológica, antropológica, ontológica – que se baseia no pressuposto de que o ser humano e o planeta fazem parte de uma totalidade inseparável, constituindo uma teia cujo tecido parece admiravelmente permeado de vida auto-organizada nos seus mais diferentes níveis⁵.

O mundo moderno se vê diante de grandes desafios. Por um lado, um dos maiores dilemas que se apresenta hoje à Humanidade é o da esfera ambiental e, aliado a tal problemática, está o de uma ética ambiental, no sentido de pensar, ou re-pensar o ethos contemporâneo. Desta forma, a ética (ethos) ambiental tenta sanar as carências provocadas por uma racionalidade tecno-científica, dominadora e objetificadora do mundo.

O século XXI está sendo caracterizado por grandes transformações, como as da globalização (a interligação do mundo possibilitada pelo avanço e profusão da tecnologia e da informação) e a ecológica, que implicam em mudanças de visão de mundo, mudanças de paradigmas. Para Pedrozo e Silva (2000), os problemas ambientais e as conseqüências da globalização conduzem a reflexões que dizem respeito ao futuro da humanidade, ao desenvolvimento da sociedade, onde se trabalha com realidades cada vez mais complexas, fazendo-se necessário o desenvolvimento de uma visão sistêmica, ecológica, ambiental, onde se observe o todo, as partes que compõem o todo, e a inter-relação entre essas partes.

Considerações acerca do ethos

Antes de relacionarmos a idéia de uma ecofilosofia com o “ethos amazônico”, julgamos conveniente tecer algumas considerações sobre o “ethos” e em que sentido nos utilizamos desta palavra. Ethos aqui deve ser entendido como a raiz e o sentido primeiro da Ética, ligada não apenas aos valores e costumes, mas a morada do homem, do ambiente.

A palavra grega *ethos* evoca o sentido de *habitar, morar, morada* [...] Originalmente, não se trata de uma visão apenas normativa, de códigos de moral, ou apenas de como comportar-se, ou a coação de lei. O sentido do *dever* é sim presente, mas não é o único (PELIZZOLI, 2005, p. 21-22).

Neste sentido, o ethos diz respeito ao equilíbrio da própria Vida em um ambiente. Na realidade, podemos falar de duas dimensões do ethos: uma dimensão de alteridade (que diz respeito ao aspecto moral em relação ao outro “eu”, alter-ego) e uma dimensão ambiental, onde fazemos morada e nos enraizamos, uma dimensão ecossistêmica, se assim se pode dizer.

Pensar o ethos contemporâneo com base na ecofilosofia

Fala-se hoje em *biosfera*, regida por sub-sistemas reguladores em equilíbrio dinâmico. Pensemos na forma como tudo acontece entre os seres vivos, em ambiente natural. A terra concebida como *Gaia*⁶, como organismo vivo que se auto-organiza, é um indicativo da Vida comandando a própria criação, os elementos naturais, a interação com os minerais, o não-vivo!

O mundo é uma rede de fenômenos interconectados e interdependentes; não há separação entre seres humanos e o meio ambiente natural. Como dissemos, a questão é filosófica (cosmológica, epistemológica, antropológica, metafísica) e nos remete para a teoria segundo a qual, o planeta Terra como um todo é um sistema vivo, auto-organizador. Desta forma, emerge uma filosofia centrada na valorização do meio ambiente, a ecofilosofia. Fala-se ainda de um novo paradigma: a ecologia profunda.

Enquanto o velho paradigma está baseado em valores antropocêntricos (centralizados no ser humano), a ecologia profunda está alicerçada em valores ecocêntricos (centralizados na Terra). É uma visão de mundo que reconhece o valor inerente da vida não humana. Todas os seres vivos são membros de comunidades ecológicas ligadas umas às outras numa rede de interdependência (CAPRA, 1997, p. 28).

O objetivo deste artigo é o de re-pensar o ethos hoje, considerado em sua dupla dimensão, individual e ambiental. Uma reflexão que possibilite a cada ser humano perceber as implicações do modo como se relaciona com o mundo e com a Vida.

Pensar a *ética* na contemporaneidade, portanto, é aceitar a radical crise de fundamentos e mutações por nós vividas, e pensar no descompasso entre o habitar do *ethos* e as visões e ações compulsivas que temos de realizar hoje em nome do Sistema global em jogo (PELIZZOLI, 2005, p. 31).

Trata-se ainda de entender que, prejudicar o meio ambiente é prejudicar a si mesmo e ao outro: este é o ensinamento da ecofilosofia e da ecologia profunda. Fala-se, ainda, da “ecologia como o novo projeto global, a renovação do *Ethos*” (PELIZZOLI, 2005, p. 32).

É devido às intervenções catastróficas e imprevisíveis da racionalidade instrumental (tecnocêntrica) que estamos vivendo tais dilemas. Põe-se a questão da crítica, das alternativas éticas e filosóficas diante da racionalidade tecno-científica, coisificadora e objetificadora das relações pessoais e da relação com a natureza viva. Estamos no cerne dos desafios trazidos por uma velha visão de mundo e que implica uma nova forma de pensar, um novo paradigma.

O ser humano tem hoje um poder enorme de interferência nos fenômenos da Natureza e da Vida. A cada ano nascem novas questões ético-ambientais de profundo significado para a nossa e para as futuras gerações e, porque não dizer, para a humanidade e para a vida em geral. No século XX ocorreram duas grandes revoluções, que podem ser comparadas com a revolução científica do século XVII, iniciada por Galileu, Kepler, Copérnico, Newton, entre outros, a saber, a revolução atômica e a molecular. A revolução atômica nos deu um poder inimaginável sobre as forças da natureza, sobretudo aquelas que atuam no interior do núcleo atômico, a energia nuclear... a bomba atômica. A revolução molecular nos deu um imenso poder sobre a vida, manipulação e modificação genética, transgênicos. Em qualquer caso, é sempre o domínio da razão instrumental e da racionalidade tecno-científica sobre a natureza, ao invés de *integração* com a natureza.

Os últimos avanços da tecno-ciência atingiram também o campo das ciências da Vida. Novas possibilidades técnicas de cura, engenharia genética e, novamente, o domínio do homem, agora, não apenas sobre a Natureza, mas o “domínio” sobre a Vida. O conhecimento aí produzido tem uma força ambígua. A antiga crença positivista de

que o progresso das ciências garantiria a felicidade humana, desvendando os meandros incomensuráveis da natureza e a resposta desta às ações inconsequentes do homem que se acreditava senhor de tudo.

Por outro lado, o senso de responsabilidade ética e ambiental dos cientistas tem aumentado consideravelmente. As mesmas revoluções que desencadearam a descoberta da fissão e fusão nuclear (com a utilização da bomba atômica) e a modificação genética (com a manipulação do código genético) despertaram sérias crises de consciência, pondo em discussão sobre se é lícito que se realize tudo o que é factível.

O desenvolvimento da Genética enquanto ciência, e os recentes avanços na área da biotecnologia e suas enormes possibilidades permitiram a manipulação do código genético — onde pode se incluir perigosa e indiscriminadamente o código genético humano. Esta possibilidade agravou os problemas de ordem ética, pois agora se levam em conta os riscos que a manipulação tecnológica sem precedentes poderia causar para o homem e para a natureza (LIRA NETO, 2005, p. 93).

Todas estas questões reunidas nos remetem para uma reflexão de caráter mais filosófico, epistemológico, ontológico sobre a noção de Vida, Natureza, Ambiente: preservação da Vida e do Meio-Ambiente, qualidade de Vida, promoção da Vida; e o seu contraposto: destruição e aniquilação da Vida e do Meio-Ambiente.

Dissemos anteriormente que o senso de responsabilidade ética e ambiental dos cientistas tem aumentado consideravelmente. Prova disso são os inúmeros eventos e congressos acerca do tema. A Conferência das Nações Unidas (ONU) de Estocolmo (1972) já havia reconhecido a importância da gestão ambiental colocando a questão na agenda internacional, desencadeando inúmeras propostas de ação e desenvolvimento vinculados às gerações futuras. A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio-Ambiente e Desenvolvimento (Rio – 92) reconheceu um novo paradigma universal, o do desenvolvimento sustentável (embora este conceito ainda seja alvo de controvérsias e inúmeros debates). Neste ano de 2010, além do COP-15⁷, merece destaque também a 12ª Conferência Internacional Ethos 2010⁸, o Seminário Internacional de Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia⁹, a 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação¹⁰, só para mencionar alguns.

Parece evidente, por tudo isso, que a mais importante e atual tarefa socioambiental das ciências naturais, sociais, humanas e da filosofia é o desafio ambiental e ecológico. Uma ecofilosofia (aliada a uma filosofia da Vida e uma ética

ambiental), que reflita de forma mais abrangente sobre o ethos contemporâneo e, de forma mais específica, que reflita sobre o ethos na Amazônia, torna-se imprescindível diante de tantos problemas e impasses.

Ecofilosofia e ethos na Amazônia

A posição que a Amazônia passou a ocupar no equilíbrio ecológico da Terra, as elaborações científicas e epistemológicas sobre a Amazônia, entendida como um complexo de ecossistemas interligados que influenciam e mantêm o equilíbrio da vida e do planeta colocam a região no centro do debate das questões aqui apresentadas¹¹. Estas reflexões servem, inclusive, de preâmbulo para uma questão mais específica a ser considerada, que Salazar (2006) chama de “o desafio da sustentabilidade amazônica”. Quer dizer, enfrentar o grande desafio do equilíbrio ecológico; do desenvolvimento da região amazônica; sua realidade social e ecologicamente variada e poliforme. Afinal, quais seriam os meios necessários para o alcance desses objetivos?

Longe de tentar dar uma solução para este imenso desafio, este artigo pretende pelo menos tentar fornecer um tipo de conhecimento que possa estar diretamente articulado não só política e economicamente com a realidade da região amazônica mas igualmente epistemológica e ontologicamente, uma vez que os problemas anteriormente expostos afetam diretamente a região amazônica, sua população, sua atividade agrícola, o meio ambiente, os recursos naturais, a vida, o planeta, enfim. Uma solução para tais problemas passa necessariamente por uma mudança de percepção, pensamento, valores. Mudança na forma de perceber e pensar a relação homem-sociedade-natureza, que incorpore um “novo” ethos¹².

Esta preocupação com o desenvolvimento e com os impactos ambientais da região amazônica data do fim do século passado e esforços foram empreendidos no sentido de priorizar a região amazônica. Prova disso é o “Tratado de Cooperação Amazônica”¹³ que tem por finalidade, entre outras, a de promover a gestão ambiental da área dos projetos binacionais¹⁴, incentivando o desenvolvimento sustentável e respeitando as limitações dos recursos naturais. Além do Tratado, merece destaque o Diagnóstico Ambiental da Amazônia, elaborado pelo IBGE, em 1991, que tem como principais objetivos, entre outros:

- aperfeiçoamento de metodologias de pesquisa voltadas para o planejamento territorial e a questão ambiental, numa abordagem integrativa das políticas públicas;

- geração de instrumentos técnico-científicos capazes de criar uma base mínima de conhecimento sobre a evolução dos subsistemas naturais frente às formas de organização do espaço;
- avaliação dos processos e formas de interação sociedade-natureza na organização do território (SALAZAR, 2006, p. 169).

Estas são apenas algumas ações que revelam de forma bastante objetiva os esforços que estão sendo empregados para enfrentar um dos maiores desafios do momento atual, o desenvolvimento sustentável na Amazônia. Acontece que

A complexidade ambiental implica uma revolução do pensamento, uma mudança de mentalidade, uma transformação do conhecimento e das práticas educativas, para se construir um novo saber, uma nova racionalidade que orientem a construção de um mundo de sustentabilidade, de equidade, de democracia. É um re-conhecimento do mundo que habitamos. A crise ambiental remete-nos a uma pergunta sobre o mundo, sobre o ser e o saber que nos leva a repensar e a reaprender o mundo (LEFF, 2007, p. 196).

Quer isto dizer que a questão ambiental implica não apenas políticas econômica e ecologicamente corretas, mas encerra uma questão mais ampla, filosófica, sobre o ser das coisas, sua essência, seus atributos, e que é necessário repensar o saber sobre o mundo em que vivemos a partir da complexidade ambiental.

Na realidade, para se obter um diagnóstico mais exato, devemos integrar a questão epistemológica e ontológica, com a questão política, social e econômica¹⁵. “A complexidade ambiental desloca-se do terreno epistemológico [...] para o campo político [...] até as práticas de apropriação, produção e transformação do ambiente orientado pelos princípios da sustentabilidade” (LEFF, 2007, p. 204). Contudo, não é propósito deste artigo aprofundar a problemática ambiental do ponto de vista econômico. Outros têm maior competência para fazê-lo do que nós. Se se leva a sério um desenvolvimento deste tipo na Amazônia – um processo de desenvolvimento econômico, com equidade social e prudência ecológica como o que está na base de um desenvolvimento sustentável –, então tem-se que levar em conta estes diferentes fatores, aliados a uma visão de mundo coerente com esta perspectiva.

É preciso pensar a questão da sustentabilidade e do desenvolvimento da Amazônia brasileira, dos países amazônicos, seu desdobramento sobre a Amazônia Ocidental, o Estado do Amazonas, pensar o meio ambiente de forma a integrar uma prática ecologicamente correta com uma visão de mundo que oriente esta ação, uma

práxis filosófica, se assim podemos nos exprimir, voltada para a questão ambiental. Um “novo” ethos, que incorpore as ações e valores dos indivíduos ao seu habitat, sua morada, o planeta, a pesquisa no campo da biodiversidade, a formação de recursos humanos, o ecodesenvolvimento, questões como o desmatamento, a degradação da terra e ambiental, adulteração dos alimentos, aquecimento global, enfim. “Compete a cada homem e a cada comunidade, concretamente, exercer esse direito [de proteção da natureza], defendendo e amando a natureza, fonte de vida, sobrevivência e possibilidade de desenvolvimento da própria espécie” (SALAZAR, 2006, p. 176).

A questão ecológica tem sido acompanhada pela emergência da teoria dos sistemas, do paradigma da complexidade¹⁶, da ecologia profunda¹⁷, da ecopedagogia¹⁸, de uma ecofilosofia¹⁹. O desafio da questão ecológica e ambiental se deve, em parte, a dificuldade de mudança de mentalidade e de pensamento, enquanto estivermos presos a velhos paradigmas, à lógica do mercado, à razão instrumental, ao invés de perceber que um desenvolvimento diferente é necessário, no sentido de cooperação e uso prudente dos recursos naturais. Estas idéias não são facilmente assimiláveis no espaço cognitivo formado ao longo de um processo de intervenção autoritária, tecnocrática e excludente, que marca a história da região amazônica e brasileira.

Não se pode pensar em desenvolvimento sustentável sem levar em consideração aspectos econômicos, políticos, ecológicos, epistemológicos, ontológicos. Não se pode pensar em desenvolvimento na Amazônia sem infra-estrutura econômica e social, sem um conhecimento adequado à tais condições, sem controle social. É um desafio que deve tentar conciliar um sistema natural (com suas leis físicas, químicas e biológicas) com um sistema econômico-social (com suas leis sociais e econômicas).

Além disso, torna-se necessário

um esforço integrado passando pela educação de base, continuado pelo ensino profissionalizante dos filhos dos agricultores, pela educação ambiental, proporcionado nas pequenas comunidades, culminando com o desenvolvimento da pesquisa científica e atividades de extensão de universidades e outras instituições, visando a criação de uma consciência construtiva (SALAZAR, 2006, p. 171).

A ecofilosofia, a teoria da complexidade, a ecologia profunda, sugerem uma compreensão do universo como uma rede, uma relação, deslocando o foco da atenção das partes para o todo e do objeto para as relações. Desta forma, para se alcançar uma visão mais real do problema, não se pode negligenciar um importante elemento holístico: a interação entre as partes no todo e entre o todo e seu ambiente. Não se pode

mais pensar a questão ambiental, e aliada a ela, a do desenvolvimento sustentável, com base nas idéias da economia tradicional (capitalista) articulada com base em um modelo (epistemológico) mecanicista e (ontológico) que não integre as diferentes partes que compõem a realidade física e natural. É uma nova forma de pensar. Uma nova epistemologia. Uma nova visão de mundo, que integra a relação homem-sociedade-natureza como partes integradas de um todo complexo e sistêmico. Uma mudança de paradigma que supere a visão mecanicista e tecnocêntrica de mundo.

Urge, portanto, não apenas definir metodologias e estabelecer objetivos claros, mas sobretudo identificar meios e mobilizar recursos capazes de viabilizar um novo modelo de desenvolvimento, um novo paradigma de sustentabilidade, definindo para isso novos incentivos técnicos financeiros e um direcionamento racional do orçamento público que o torne mais comprometido com o meio ambiente, indo além das boas intenções e da retórica dos políticos (SALAZAR, 2006, p. 172).

Urge questionar os fundamentos de nossa civilização ocidental no sentido de adotar uma visão total e compreensiva da realidade humana e sócio-ambiental. Não faz mais sentido, se adotarmos qualquer modelo ecológico aqui destacado, pensar o indivíduo separado do meio ambiente. Não há separação entre o eu e o mundo. O eu faz parte do mundo. E com ele deve se harmonizar, se integrar. Uma ecofilosofia se propõe a perceber a totalidade da existência humana interagindo com o planeta, uma fusão entre o ser e o mundo no qual ele habita. Os ecofilósofos não vêem o Homem como um ser que se encontra no ápice da hierarquia evolutiva, pronto para dominar a Natureza. A ecofilosofia possibilita uma transformação na visão de mundo e na forma do ser humano interagir com ele, uma transformação no seu *ethos*, na forma de perceber o mundo e, com ele, a vida, o planeta. Esta filosofia considera importante buscar a simplicidade, o respeito ao outro e ao ambiente, o bem-estar e o florescimento da vida humana e não-humana sobre a terra, uma maior convivência com a Natureza, enfim.

Referências bibliográficas

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Tradução de Newton Roberval Eicheemberg. 14. ed. São Paulo: CULTRIX, 1997.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. 5. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000. (Série Brasil Cidadão).

LEFF, Henrique. *Epistemologia Ambiental*. Tradução de Sandra Valenzuela. 4. ed. revista. São Paulo: Cortez, 2007.

LIRA NETO, Harim de Brito; PELIZZOLI, Marcelo. O ethos no mundo da techné e a inspiração “bio-ética” de Hans Jonas. *Perspectiva Filosófica*, vol. 1, n. 23, jan-jun/2005, p. 83-117.

MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dora. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

ODUM, Eugene P. *Ecologia*. Tradução de Christopher J. Tribe. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. Disponível em:
<<http://www.oas.org/en/default.asp>>. Acessado em 15/05/2010.

PEDROZO, Eugênio Ávila; SILVA, Tânia Nunes. O Desenvolvimento Sustentável e a Abordagem Sistêmica. *REAd*, ed. 18, vol. 6, n. 6, nov-dez/2000, p. 1-36.

PELIZZOLI, Marcelo. O ethos da bioética e a existência do outro. *Perspectiva Filosófica*, vol. 1, n. 23, jan-jun/2005, p. 17-33.

SALAZAR, Admilton Pinheiro. *Amazônia: Globalização e Sustentabilidade*. 2. ed. Manaus: Valer Editora, 2006.

SILVA, Marilene Corrêa. *Metamorfoses da Amazônia*. Manaus: Editora Universidade do Amazonas, 2000.